

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

O HEDONISMO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA E A FELICIDADE EM FREUD: NOTAS PARA UMA ÉTICA DO PRAZER.

Eduardo Leal Cunha¹

A partir das formulações freudianas sobre a felicidade enquanto objetivo maior da vida do ser humano e sua definição como *mero programa do princípio de prazer*, estabelecidas em seu texto de 1930 “O mal-estar na civilização”, procura-se estabelecer o contraponto a certa leitura crítica da cultura contemporânea apoiada na idéia de hedonismo e em sua vinculação ao enfraquecimento dos laços sociais e empobrecimento da experiência moral, indicando em que medida a colocação do prazer e da dor como elementos centrais na regulação dos laços sociais e da relação consigo mesmo aparece na modernidade e especificamente em Freud como fundamento positivo possível de uma atitude ética e, ao contrário do que pretende a leitura crítica em questão, como base necessária para o fortalecimento da relação com a alteridade.

Palavras-chave: psicanálise; cultura contemporânea; ética; felicidade; hedonismo.

O que eu gostaria de apresentar são basicamente algumas notas em torno das formulações de Freud sobre a busca da felicidade, procurando contrapô-las a determinada leitura da cultura contemporânea na qual o individualismo aparece em estreita conexão com o hedonismo na produção de formas de subjetivação características da pós-modernidade, marcadas pelo enfraquecimento dos laços sociais e da solidariedade e, em termos psíquicos, pela exacerbação de um narcisismo ancorado na sensorialidade corpórea. (COSTA, 2004; BAUMAN, 1998, 2004). Procuraremos indicar, ainda que de modo breve, como é possível localizar em Freud uma elevação do prazer a elemento fundamental de cálculo na relação consigo mesmo e com o mundo, a qual, a despeito de qualquer pretensão moralizante, além de não implicar na supressão da dor, como uma leitura apressada poderia fazer supor, pode ser positivada e articulada ao fortalecimento do laço com o outro.

¹ Psicanalista, Doutor em Saúde Coletiva (IMS/UERJ), Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe.

Tal afirmação do prazer funcionaria assim como base para a formulação de um modo de reflexão ética que se inaugura na modernidade, aqui especificamente em Freud, mas também em outros autores, como o socialista utópico do século dezanove Charles Fourier, na qual o prazer individual é o mediador privilegiado da relação com o outro e a felicidade assume caráter contingente e desvinculado de qualquer ideal transcendente ou mesmo do bom senso que marcaria a perspectiva utilitarista. No nosso entender é em tal percurso ético que se encontra a possibilidade de reverter os sinais da cultura do narcisismo e apontar outros caminhos para o estabelecimento de laços fraternos e solitários, mesmo que dentro da perspectiva individualista e de enfraquecimento da lei moral que marcam o mundo ocidental contemporâneo.

É no pensamento do filósofo francês da passagem entre os séculos XVIII e XIX que encontramos de modo marcante uma afirmação do prazer individual que pode ser facilmente tomado como afirmação precoce dos valores que aparecem hoje como hegemônicos.

A proposição fourierista que provavelmente sintetiza da melhor maneira a sua reflexão ética é:

Que nós caminhemos sempre nos caminhos da saúde e da fortuna, nos entregando cegamente as nossas paixões [...] que cada indivíduo, seguindo apenas seu interesse pessoal, sirva constantemente aos interesses da massa. (FOURIER, 1973 p.91)

A partir desse mandamento aparentemente paradoxal se instala no pensamento de Fourier é uma afirmação radical do prazer individual capaz de por em questão o modo de produção capitalista e as formas de organização social que dele derivaram historicamente. Visto como socialista utópica, inspirador de Marx e Engels, Fourier propõe uma sociedade fundada na diferença individual e organizada em torno das manias e paixões de cada um. Paixões que se localizam em especial no corpo e cujo modelo mais significativo é a *gastrosafia*, a paixão pelo encontro – social – com o alimento em torno de uma mesa de refeições, contando-se necessariamente com a presença de pelo menos três pessoas e diversos tipos diferentes de alimento (BARTHES, 2005; KONDER, 1999).

Evidentemente, Freud não vai tão longe, mesmo porque, ao contrário de Fourier, não tem nenhuma pretensão utópica, revelando-se, aliás, sobretudo um pessimista, o que inclusive se articule à sua compreensão da Pulsão de Morte como elemento fundamental

da experiência humana, marcada desta forma pela destrutividade. (FREUD, 1920). O que pretendemos demonstrar é que apesar de tal pessimismo, da desesperança freudiana em que nós possamos caminhar sempre *no caminho da saúde e da fortuna*, o modo como ele compreende a felicidade, pode nos fornecer elementos significativos para essa ética do prazer que se encontra esboçada no pensamento de Charles Fourier. Sendo que isso passa necessariamente pelo estabelecimento de uma economia subjetiva na qual não se pode separar o prazer da dor ou o eu da alteridade.

Para isso, pretendo destacar, a partir de “O mal-estar na cultura” (FREUD, 1930), os modos como a concepção freudiana da felicidade, ancorada na economia prazer-desprazer – cujas primeiras formulações aparecem no projeto de 1895 (FREUD, 1895) - aponta para uma leitura particular dos ideais morais e da própria experiência ética, a qual pode nos fornecer pistas bastante interessantes na busca de novas formas de regulação do laço social, fora do registro da lei e da interdição, ou seja, um modo de arbítrio da relação com o outro que não se sustente na necessidade da lei moral.

Nesse sentido, acredito que nos aproximamos aqui da busca efetuada por Michel Foucault, em seus últimos trabalhos, no quadro do que ele denominou de uma hermenêutica do sujeito, de uma forma de produção do sujeito ético que não se apóia na lei, na transcendência ou na renúncia a si (FOUCAULT, 2001; RAJCHMAN, 1993).

Retomando Freud, a primeira coisa importante a destacar é que ao longo do seu pensamento, e não apenas na obra que inicialmente se chamaria “a infelicidade na cultura” e não “o mal-estar na cultura”, a felicidade aparece em sua forma negativa, sendo então colocada, de modo perspectivo, como objetivo, destino, alvo. Nesse sentido, ela será ou o resultado de um esforço, um trabalho ou simplesmente uma ilusão, tal como a vivência alucinatória do desejo, que desde os primeiros momentos do percurso freudiano aparece como modo exemplar de qualquer experiência de satisfação.

Se no segundo caso, o tema da felicidade se aproxima da problemática religiosa e das visões totalizantes do mundo, no primeiro, que é o que nos interessa, a felicidade será o negativo da dor, ou, mais precisamente, do desprazer. Dessa forma, o prazer aparece como índice preciso e imediato da felicidade, independente de qualquer outro juízo ou dimensão da experiência.

Outro ponto é a aparente indistinção entre dor, sofrimento e desprazer. Aparente porque, apesar de Freud permutar freqüentemente os três termos – o que, aliás, gera alguns problemas de tradução – e de situar o sofrimento do luto no campo dos mesmos “processos de pensamento” que envolvem de modo geral sensações dolorosas (FREUD,

1926 p.158), podemos arriscar a distribuição desses termos em três registros: o primeiro, da dor, seria mais próximo do registro corporal, do funcionamento neurológico, por exemplo, como no projeto, onde a dor se liga a temática das sensações e das percepções; o segundo, relativo ao sofrimento, que se refere de modo mais próximo ao que é pensado como o “sofrimento neurótico”, seria mais propriamente o registro da enunciação, ponto de encontro dos afetos e das representações, no qual a presença do outro se fará necessária; o terceiro, onde o desprazer seria o termo privilegiado, seria o registro propriamente da metapsicologia, dos modos de funcionamento do psiquismo, fundado na circulação e regulação das intensidades, em sua economia, dinâmica e tópica. É neste terceiro registro, dos mecanismos automáticos do funcionamento psíquico que o prazer encontra também o seu lugar.

O registro metapsicológico que nos interessa de modo especial, na medida em que acreditamos é a referência necessária a esse *modus operandi* psíquico, que nos permite retirar a felicidade do campo do ideal, e, portanto, da ilusão, e referi-la ao trabalho, *arbeit*. Pois ao tomar a felicidade como evitação do sofrimento e fazendo-a negativo da dor, Freud em verdade a desloca do domínio da moral para o registro da economia das intensidades – sem valor exterior ou fixo que a regule. É a partir de tal operação que podemos pensar na felicidade, tanto quanto no prazer, vinculados à idéia freudiana de *arbeit* (trabalho) e, portanto, a categorias como a de elaboração, sem referência necessária a nenhum bem absoluto ou essencial.

Acreditamos que tal concepção da felicidade, na qual o desprazer ocuparia lugar como elemento fundamental de cálculo, nos parece estratégica para uma crítica da nossa sociedade contemporânea, a qual, em relação ao tema da felicidade, parece configurar o ponto de chegada em uma longa trajetória na qual, para além da sobreposição entre o belo e o bem, se articulam também laços indissolúveis entre o mal e a dor, o que aparece como toque final da circunscrição de tais experiências – da beleza e do bem, como de seus opostos ideais, na concretude do corpo, ou mais precisamente, do *soma*.

Assim, em contraposição à instalação em definitivo da dor nos domínios do mal, de um mal a ser eliminado, extirpado, torna-se interessante demonstrar como no pensamento freudiano a experiência do desprazer, tanto quanto a dor e o sofrimento não podem ser circunscritos à materialidade do organismo, como configuram um elemento de cálculo fundamental para a experiência da felicidade, exercendo forte impacto para o deslocamento da felicidade, do campo do ideal para o registro do mecanismo. O que, em nosso entender, se articularia ainda ao descentramento do sujeito e a possibilidade

de uma perspectiva clínica cada vez mais independente do chamado “tratamento moral”. Não significando isso, no entanto, é importante ressaltar, a perda da perspectiva ética que nos parece fundamental ao trabalho analítico. Ao contrário, o desligamento entre a clínica e os ideais morais, seria, quase de modo paradoxal, o que Freud já nos deixa entrever, a condição de possibilidade de afirmação de um modo de funcionamento ético propriamente psicanalítico, regulado pelo investimento erótico do mundo através do outro. Ou, em outras palavras, regulado pela busca do prazer.

Será preciso então agora, retomar rapidamente certas proposições freudianas sobre a dor, articulando-as a isso que eu chamaria primado econômico da equação prazer/desprazer no estabelecimento do que seria a experiência da felicidade. Equação a qual, no nosso entender, faz com que a reflexão ética proposta por Freud, ao mesmo tempo em que se afasta de qualquer hedonismo, na medida mesmo em que coloca em jogo a pulsão de morte e seus derivados, na própria economia da felicidade, instala o prazer como seu elemento de cálculo fundamental e aquilo que permitirá que tal ética, como a busca da felicidade, se desvinculem de qualquer ideal, tanto quanto se afaste da lei e do bom senso.

No projeto de 1895, a discussão sobre a dor aparece no quadro do fracasso no funcionamento de “dispositivos biológicos” (FREUD, 1895 p.351) destinados a controlar o fluxo das excitações que alcançam o aparato anímico. Nesse momento a fuga da dor, aparece como espécie de inclinação natural do aparelho de neurônios e esta, por sua vez, como reflexo do excesso de quantidades sobre o sistema psi. Vale ressaltar ainda a observação de que mesmo pequenas quantidades de estimulação externa podem causar dor, desde que penetrem diretamente o aparelho psíquico, sem mediação, e sem a atuação de barreiras. A dor é responsável, ainda, pela produção de facilitações que criam canais privilegiados de descarga, pode-se dizer automática. Sendo que, na teorização freudiana, é precisamente a descarga que é experimentada como prazer.

Em Além do princípio de prazer, no quadro de uma discussão sobre o trauma, a “dor corporal”, aparece como uma espécie particular de desprazer vinculada a uma falha nas barreiras de proteção anti-estímulo. No entanto, já aparece aí uma noção vital ao nosso argumento que é a de ligação (FREUD, 1920, p.29-31), referida às operações de contra-investimento que podem dar conta da defesa contra a sobrecarga de estimulação. É dessa forma, através de categorias que buscam dar conta de modo estrito da circulação de intensidades, quantidades, sem que a significação que lhe possa aderir seja

decisiva, que Freud parece valorizar o que define como “ação da violência mecânica” (FREUD, 1920, p.31).

No artigo de 1926 sobre a angústia, Freud recorre, ainda que superficialmente, à distinção entre “dor psíquica” e “dor corporal” (FREUD, 1926 p.159-160). Uma diferença estabelecida pela linguagem a partir da assimilação da experiência propriamente psíquica, como na perda do objeto que dá origem ao trabalho de luto, à experiência corporal da dor, vinculada mais uma vez à falha na defesa periférica às excitações que invadem o aparato.

Nesses fragmentos, destaca-se então em primeiro lugar à dimensão econômica da dor e, em segundo lugar, o fato de que sua origem estará sempre na relação com o “exterior” e na sobrecarga ou invasão do aparato por uma carga de estímulos, o que implica uma falha nos mecanismos defensivos instalados nas fronteiras do psiquismo.

É em o “O mal-estar na cultura”, no entanto, que tal regulação mecânica das intensidades, sob o primado do princípio de evitação do desprazer, se vê transformada em *modus operandi*, ou mecanismo regulador do que seria o bem supremo a ser conquistado ao longo da existência humana, a felicidade. É também nesse texto que a leitura da felicidade a partir do seu negativo, a regulação da dor a partir do trabalho psíquico, encontra a outra face do problema da felicidade em Freud, seu caráter de ilusão, que se dá exatamente como recusa a tal trabalho e marca do pensamento religioso, o que é trabalhado de modo mais longo em textos como “O futuro de uma ilusão” (FREUD, 1927) e a conferência sobre a *Weltanschauung* (FREUD, 1933).

Na obra de 1930, a dor aparece não apenas com o regulador da experiência da felicidade, mas como operador da separação entre o eu e o mundo, em um modelo que havia sido apresentado anteriormente nos escritos metapsicológicos de 1915 (FREUD, 1915).

É por caminhos como esses que, ao longo de todo o pensamento freudiano, o desprazer se configura como elemento fundamental de cálculo na relação – sempre a ser construída – entre o indivíduo e o mundo. Nessa relação, apoiada em mecanismos e modos de funcionamento quase automático, que escapam a consciência e até mesmo ao que se poderia descrever como sujeito, não há lugar para ideais ou valores absolutos. Numa espécie de primado do mecanismo, o que se desenha é uma existência inteiramente contingente, produzida na troca constante de intensidades entre o indivíduo e o mundo, sempre materializado no outro, que por sua vez, não é uno ou permanente, mas se desdobra e multiplica em objetos.

Dessa forma, enquanto no campo da filosofia moral, isso dito de modo talvez excessivamente breve, o pensamento sobre a felicidade se equilibra de um lado entre o bom uso da razão no domínio das paixões e a renúncia a si na direção da transcendência; e, do outro lado, entre a satisfação de todos os desejos ou à renúncia a todo desejar (VAN DEN BOSCH, 1998), Freud parece nos instalar em uma dimensão da experiência subjetiva na qual a felicidade é inteiramente contingente e se dá como trabalho de regulação das intensidades produzidas no encontro, ou confronto, com o outro. Ela é nada mais do que “o programa do princípio de prazer” (FREUD, 1930, p.135), a busca contingente da satisfação capaz de regular o fluxo de intensidades no aparato psíquico.

Nessa dimensão, à qual deve corresponder uma ética, o jogo entre prazer e desprazer, entre prazer e dor, parece ser efetivamente o principal regulador das escolhas morais e do estabelecimento dos ditos ideais, a começar pela formação das instâncias ideais – eu-ideal e ideal de eu – que orientariam os modos possíveis de relação com o outro em nossa sociedade.

É nesse sentido que podemos pensar que a circunscrição da experiência da dor e do prazer ao domínio do corpo próprio, ou, mais precisamente, do organismo, implicaria inversamente na sabotagem de tal possibilidade ética, ainda que disfarçada sob a forma de qualquer ideal, como a saúde ou o respeito à vida.

Com isso, ao mesmo tempo em que Freud nos ensina que na busca do prazer somos todos movidos no fundo por desejos “odiosos e egoístas” (FREUD, 1911, p.22), ele instala a experiência da dor, produzida no encontro erótico com o outro, e seu desejo, a condição de superação deste egoísmo e do ódio que nele se entrelaça. Ou seja, a dor, ainda que em negativo, como referência necessária à experiência do prazer seria a condição de possibilidade não apenas do que nos acostumamos a chamar de felicidade, mas também um dispositivo indispensável à regulação das relações entre os homens. Os quais, assim governados pela busca do prazer no encontro com o outro, poderiam, ao menos idealmente, encontrar o destino utópico, estabelecido por Fourier, da saúde e da fortuna.

Referências

BARTHES, Roland **Sade, Fourier, Loyola.** (1980) São Paulo: Martins Fontes, 2005

- BAUMAN, Zigmunt **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- COSTA, Jurandir F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004
- FOURIER, Charles **Le nouveau monde industriel et sociétaire**. (1845) Paris: Flammarion, 1973
- FOUCAULT, Michel **L'Herméneutique du sujet – Cours au Collège de France 1981-1982**. Paris: Gallimard/Seuil, 2001
- FREUD, Sigmund Proyecto de psicologia. in FREUD, S. (1895) **Obras Completas s.** Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. I
- _____. Cinco conferencias sobre psicoanálisis. (1911) in FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XI
- _____. Pulsiones y destinos de pulsión (1915) in FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XIV
- _____. Más allá del principio de placer. (1920) in FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XVIII
- _____. Inhibición, sintoma y angustia. (1926) in FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XX
- _____. El porvenir de una ilusión. (1927) in FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XXI
- _____. El malestar en la cultura. (1930) in FREUD, S. **Obras Completas** Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XXI
- _____. Em torno de uma cosmovisão. (1933) in FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996 vol. XXII
- KONDER, Leandro **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999
- RAJCHMAN, John **Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993
- VAN DEN BOSCH, Philippe. **A filosofia e a felicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998